

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Programa de Estudo de América Latina e Caribe

Bolsista: Priscila da Silva Gouveia

Linha de Pesquisa: Observatório de Direitos Humanos

Período de Coleta: 01 de março de 2020 até 31 de março de 2020

Data: **02/03/2020**

Título: **Menos Médicos: Mortalidade de bebês indígenas bate recorde com fim do programa**

Fonte: <https://revistaforum.com.br/>

Link: <https://revistaforum.com.br/direitos/menos-medicos-mortalidade-de-bebes-indigenas-bate-recorde-com-fim-do-programa/>

Entre janeiro e setembro de 2019, último mês com estatísticas disponíveis, 530 bebês indígenas morreram antes de atingir 1 ano de idade. Os dados representam um aumento de 12% em relação ao ano anterior e o maior número desde a criação do programa Mais Médicos – encerrado em dezembro de 2018.

Os dados foram obtidos através da Lei de Acesso à Informação pelo jornalista João Fellet, da BBC Brasil, e mostram uma relação direta entre o fim do Mais Médicos e o aumento da mortalidade de bebês.

Segundo a reportagem, foi em 2012 – um ano antes da criação do programa – que as taxas atingiram os níveis mais altos. No ano seguinte, com mais metade (55,4%) dos postos médicos em áreas indígenas ocupados por 301 profissionais de Cuba, o índice chegou ao número mais baixo.

Apesar da substituição de parte dos profissionais por brasileiros, o serviço caiu muito em qualidade, apontam lideranças. Entre as principais reclamações está a falta de uma relação do médico com as comunidades e a recusa de muitos em ir até a aldeia.

“Eles (cubanos) não faziam objeção, não criavam nenhuma dificuldade para ir na aldeia, conviver com a realidade. Com a saída deles, sentimos esse impacto”, afirmou Sérgio Bute, indígena do povo pataxó hã-hã-hãe que preside o Conselho Distrital de Saúde Indígena (Condisi) da Bahia.

Paulo Tupiniquim, coordenador-executivo da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) e membro do conselho de saúde do DSEI Minas Gerais e Espírito Santo, também se queixou sobre o mesmo tema.

“É uma postura completamente diferente da dos cubanos. Com eles não tinha tempo ruim: podia estar chovendo ou fazendo sol, eles tinham essa preocupação de levar o atendimento, de manter o contato com a população”, declarou.

“Temos médicos brasileiros excelentes, mas também temos aqueles que aparecem no serviço uma vez por semana e vivem apresentando atestado”, completou.

Data: **02/03/2020**

Título: **Nem Cristina: Fernández lançará projeto de lei pelo aborto livre na Argentina**

Fonte: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/>

Link: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/63312/nem-cristina-fernandez-lancara-projeto-de-lei-pelo-aborto-livre-na-argentina>

Durante seu discurso no Congresso argentino, neste domingo (1), na abertura do ano legislativo, o presidente Alberto Fernández fez diversos anúncios importantes, mas certamente o que mais causou discussão foi o de que o Poder Executivo apresentará um projeto que permitirá o aborto nos hospitais da rede pública de saúde, em qualquer caso.

“Dentro dos próximos 10 dias, apresentarei um projeto de lei sobre a Interrupção Voluntária da Gravidez que legalizará o aborto e permitirá às mulheres ter acesso ao sistema de saúde quando tomem a decisão de abortar”, explicou Fernández.

O presidente não mencionou a marcha que o movimento feminista argentino anunciou para o dia 8 de março, e que promete ser massiva, mas basta calcular os dias para perceber que o lançamento do projeto “dentro de dez dias”, como disse em seu anúncio, tem a ver com uma resposta antecipada à mobilização das mulheres.

Atualmente, o aborto na Argentina é permitido em casos de risco de vida para a mãe, inviabilidade fetal e gravidez como resultado de estupro.

Em seu discurso, ao anunciar a medida, Fernández explicou que a proibição ao aborto “condenou muitas mulheres, geralmente com recursos limitados, a recorrer a práticas abortivas em absoluto sigilo, colocando sua saúde e, às vezes, suas vidas em risco. Todo mundo sabe do que estou falando. O aborto acontece. É um fato. E é apenas essa hipocrisia o que nos faz cair em um debate sobre coisas que não são práticas”.

O projeto não é uma novidade, já que foi apresentado outras cinco vezes neste século, e foi rejeitado em todas elas. Seu maior avanço foi em 2018, quando foi aprovado pela Câmara dos Deputados, o que provocou uma grande celebração do movimento feminista, com mais de 300 mil mulheres comemorando do lado de fora da sede legislativa.

A diferença agora é que, pela primeira vez, o Poder Executivo está encampando a proposta. Isso não aconteceu nem mesmo quando a Argentina tinha uma presidenta, Cristina Kirchner, que, assim como Dilma Rousseff no Brasil, foi pressionada por setores

conservadores em suas campanhas presidenciais, razão pela qual preferiu não se envolver no tema.

Data: **05/03/2020**

Título: **Distância e idioma impedem que mulheres indígenas se protejam com Lei Maria da Penha**

Fonte: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/>

Link: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/63371/distancia-e-idioma-impedem-que-mulheres-indigenas-se-protejam-com-lei-maria-da-penha>

Uma marca na coxa direita é a cicatriz que Rosália (nome fictício), uma mulher indígena de 30 anos, da etnia Karajá, carrega após ter sido agredida pelo marido, com quem ficou casada durante dois anos. Eram frequentes as brigas que terminavam em chutes, pontapés, puxões de cabelo e xingamentos. Moradora da Ilha do Bananal, localizada no estado do Tocantins e separada do Mato Grosso pelo rio Araguaia, Rosália está há muitos quilômetros de distância dos serviços que poderiam tê-la ajudado a sair do ciclo de violência.

Além dos motivos que toda mulher que sofre violência enfrenta para denunciar a agressão, como o medo, vergonha e falta de acolhimento, as mulheres indígenas ainda enfrentam a desinformação sobre seus direitos, barreiras do idioma e grandes distâncias para chegar até a delegacia e pontos de atendimento mais próximos.

Rosália não denunciou o marido por medo de represálias, mas conseguiu colocar um ponto final às agressões depois que tomou coragem para terminar o relacionamento e recebeu apoio da família, que disse para ela voltar para casa. “Ele queria saber o meu passado, sobre outros namorados e quando descobria alguma coisa me batia muito, de pancada, de porrada, já me furou com um garfo. Mas nunca denunciei porque ele dizia que se fosse preso, quando saísse, me mataria”, conta.

Rosália é um retrato do perfil das mulheres indígenas vítimas de violência, cujos dados são agregados pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do Ministério da Saúde. Entre 2007 e 2017, foram registradas 8.221 notificações de casos de violência contra mulheres indígenas. Em um terço deles, o agressor é uma pessoa próxima, como o ex ou atual companheiro.

O espancamento e a ameaça são as principais formas de agressão e a residência é o local onde a maioria dos casos acontece, sendo as mulheres de 10 a 19 anos a maioria das vítimas. Os dados do Sinan foram compilados e divulgados Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), órgão ligado ao Ministério da Saúde.

Referência no Brasil quando o assunto é violência contra a mulher indígena, Léia do Vale Rodrigues, do povo Wapichana, explica que a situação de vulnerabilidade frente a violência

da mulher indígena é resultado do escasso conhecimento da legislação, tanto por parte das mulheres como por parte dos seus agressores e comunidades, o que impede, muitas vezes, a procura pela Lei Maria da Penha.

Data: **06/03/2020**

Título: **Para dar visibilidade à violência, mulheres fazem primeira greve feminista no México**

Fonte: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/>

Link: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/63393/para-dar-visibilidade-a-violencia-mulheres-fazem-primeira-greve-feminista-no-mexico>

Se para qualquer pessoa viver no México é um esporte radical, para as mulheres é um esporte suicida. A cada dia em todos meios de comunicação vemos notícias de mulheres acossadas, abusadas, desaparecidas, assassinadas e violadas. E também vemos com as autoridades brilham pela incompetência e cumplicidade com o agressor. Muitos dos casos passam à lista de casos esquecidos.

As mexicanas, cansadas de tanta incompetência, corrupção e impunidade tem ido às ruas para demonstrar seu descontentamento e dar visibilidade à violência na qual vive o país. Realizaram marchas, bailes, usaram glitter roxo, instalaram anti-monumentos, incluso ações mais violentas como queima de escritórios, portas quebradas e monumentos riscados. A resposta da sociedade mexicana tem sido a burla, inclusive dizem que o feminicídio não existe e que é só paranoia.

Tem acontecido feminicídios como o de Isabel Cabanillas, ativista, muralista e membro da coletiva “Filhas de sua **maquileira* mãe”, em Ciudad Juárez. Ou o caso de Ingrid Escamilla da cidade de Puebla, assassinada pelo seu companheiro foi cortada em pedaços e partes do seu corpo foram jogadas em sacos de lixo na rua. Houve a desapareição de uma criança para a extração de órgãos no distrito de Tlahuac, na Cidade de México. Esses são apenas alguns exemplos da violência que existe contra as mulheres no país. Por essa razão as coletivas e personagens célebres, instaram às mexicanas a não sair de suas casas no dia 9 de março, fazer portanto, uma greve feminista.

O presidente Andrés Manuel López Obrador, lorde da Quarta Transformação, 4T, acusou o movimento feminista de desviar a atenção da rifa do avião presidencial. Fazendo um parêntese: o avião presidencial foi adquirido pelo ex-presidente, Felipe Calderón Hinojosa, e foi Enrique Peña Nieto quem o utilizou. Atualmente tem um custo aproximado de 218 milhões de dólares. Como não dá para manter um avião tão dispendioso e que não se consegue vender diretamente a ninguém, o lorde da 4T teve a brilhante ideia de rifa-lo. No entanto, o prêmio não é o avião. Terá vários ganhadores que receberão um percentual do

valor, e o restante do dinheiro arrecadado passará ao bolso do governo, quem, segundo o presidente da república, o utilizará no sistema de saúde.

Também a procuradoria geral da república procura eliminar o termo feminicídio, rejeitando as sete condições para tipificá-lo. Considera que são inúteis pela dificuldade para creditá-las. Propõe que para estes casos se utilize o termo homicídio, mas, isto só invisibiliza o verdadeiro problema: no México assassinam as mulheres por serem mulheres.

Data: **07/03/2020**

Título: **PM de Doria passa a rasgar dinheiro de negros durante abordagem**

Fonte: <https://revistaforum.com.br/>

Link: <https://revistaforum.com.br/direitos/pm-de-doria-passa-a-rasgar-dinheiro-de-negros-durante-abordagem/>

Segundo relatos de vítimas, a Polícia Militar de São Paulo iniciou um novo método de abordagem contra pessoas negras. A ação consiste em rasgar o dinheiro de quem é abordado para gerar constrangimento.

Em entrevista aos jornalistas Juca Guimarães e Paulo Eduardo Dias, do Ponte Jornalismo, o ator Ronald Silveirah revelou ter sido uma das vítimas.

Silveirah conta que foi abordado por uma viatura quando saía do trabalho com direção a um curso de interpretação e cinema – informação que os policiais não aceitaram. Os PMs rasgaram o RG e parte do dinheiro que ele levava – R\$ 1050.

Além de rasgar cédulas, os oficiais roubaram parte do faturamento do jovem, que trabalhava como ajudante de pedreiro para se sustentar. Ele conta que voltou para casa apenas com R\$ 155.

“Eu falei novamente que estava indo para o curso, foi quando o PM falou: ‘já que você não quer falar a verdade...’, e ele começou a rasgar nota por nota. Ele rasgou umas cinco notas e colocou umas rasgadas no bolso e falou a frase completa: ‘já que você não quer falar a verdade é metade para você e metade para mim’”, relatou.

Segundo o padre Júlio Lancellotti, integrante da Pastoral do Povo de Rua da Arquidiocese de São Paulo, um casal de moradores de rua também passou pela mesma experiência e teve o dinheiro destruído pela PM quando tentava comprar um botijão de gás.

Em nota, a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo disse que “a PM esclarece que não localizou denúncias com as características mencionadas pela reportagem”.

Data: **09/03/2020**

Título: **Mulheres do MST ocupam Ministério da Agricultura em Brasília**

Fonte: <https://vermelho.org.br/>

Link: <https://vermelho.org.br/2020/03/09/mulheres-do-mst-ocupam-ministerio-da-agricultura-em-brasilia/>

Na manhã desta segunda-feira (9), as mulheres do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ocuparam o Ministério da Agricultura em Brasília. A mobilização conta com a participação de 3500 trabalhadoras de 24 estados e integra a Jornada Nacional de Lutas das Mulheres Sem Terra.

“Enfurecidas, em luta, em defesa dos nossos territórios da nossa biodiversidade, dos direitos conquistados pela classe trabalhadora, denunciemos a aliança mortífera e destrutiva entre o governo Bolsonaro e o capital internacional imperialista que tem produzido violência”, gritaram as mulheres sem terra ao ocuparem o prédio na Esplanada dos Ministérios.

Durante a ação, as trabalhadoras denunciam a realização de uma distribuição de titularidades individuais dos lotes de terra para os assentados de reforma agrária, a chamada titularização das terras, que visa a privatização das áreas; os cortes nos investimentos públicos; e a liberação desenfreada de agrotóxicos pelo governo Bolsonaro.

Sobre distribuição de titularidades individuais dos lotes de terra para os assentados, de maneira prática, a ação regulariza a venda de lotes da Reforma Agrária e passa ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) a responsabilidade sobre áreas coletivas dos assentamentos, onde estão escolas e centros de formação organizados pelo MST.

“Apesar dos esforços do atual governo para ocultar o fracasso na economia, os brasileiros sentem na pele a queda dos investimentos públicos, que chegaram a ultrapassar R\$ 66 bilhões entre 2012 e 2014 e agora, em 2020, tem previsões de ser abaixo de R\$ 20 bilhões. Nesse contexto, o desemprego multiplica o número de pessoas desalentadas, sem teto e sem alimentos, tanto que o Brasil retornou ao Mapa da Fome, levantamento feito pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO)”, informa o MST por meio de nota enviada à imprensa.

Segundo o Ministério da Agricultura, foram liberados 474 agrotóxicos em 2019. A maior liberação dos últimos 15 anos.

“Além disso, as políticas de reforma agrária foram esfaceladas por medidas como o decreto nº 10.252 que enxuga a estrutura do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra)”, diz o MST.

O decreto extingue o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea), o programa Terra Sol e outros programas que davam incentivos aos assentados, quilombolas e comunidades extrativistas.

O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) vai na mesma direção. No ano passado, o valor executado pelo PAA com recursos do Ministério da Cidadania foi de R\$ 188 milhões. Para o período que se inicia a previsão é de R\$ 101 milhões.

“Além disso, o governo Bolsonaro está determinado a privatizar as terras e promover a devastação ambiental. Um exemplo é a MP 901/19 que, na prática, irá excluir da proteção ambiental de 4.745 hectares da flora nos estados do Amapá e Roraima e abrir estas áreas para a mineração. Já a chamada MP da Grilagem (MP 910/19) flexibiliza as regras de regularização fundiária, repassando áreas da União até 2.500 hectares ao valor irrisório de 10% sobre a terra nua à invasores ilegais, que se valeram do crime de grilagem para se abonar destas terras”, aponta o MST.

Data: **09/03/2020**

Título: **Contra Bolsonaro, por Marielle e pela vida, 8M reúne milhares de mulheres pelo Brasil**

Fonte: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/>

Link: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/63433/contra-bolsonaro-por-marielle-e-pela-vida-8m-reune-milhares-de-mulheres-pelo-brasil>

Milhares de mulheres, espalhadas por todo o Brasil, saíram às ruas durante todo o domingo (08) por igualdade de direitos e contra a violência. Os atos aconteceram em diversas cidades do país desde o início da manhã. Os principais temas foram o fim da violência contra a mulher, fora Bolsonaro e direitos iguais. O assassinato da vereadora Marielle Franco, que completa dois anos no dia 14 de março, também foi lembrado em diversas manifestações.

Em São Paulo (SP), mesmo debaixo de chuva, 50 mil pessoas, de acordo com a organização, se reuniram na avenida Paulista e seguiram em marcha pela região central da cidade, para afirmar o movimento feminista como importante base de oposição ao governo de Jair Bolsonaro (sem partido).

Sob o mote “Mulheres contra Bolsonaro, por nossas vidas, democracia e direitos! Justiça para Marielles, Claudias e Dandaras”, a manifestação foi convocada por mais de 40 coletivos, movimentos sociais, partidos e sindicatos e juntou mulheres de todas as idades e diferentes histórias na mesma luta pelo direito à vida.

Algumas das bandeiras que as manifestantes levantavam diziam respeito ao combate à violência, à legalização do aborto e ao direito aos seus corpos. As mulheres que participaram do ato também criticaram a violência machista contida nas falas do presidente Bolsonaro.

“Não é possível que, em pleno século XXI, a gente volte a ter governos autoritários na América Latina. Então, as mulheres estão dando uma aula de luta pela democracia, por aquelas que vieram antes e pelas que virão”, disse Simone nascimento, jornalista e integrante do Movimento Negro Unificado.

A atividade começou com um piquenique agroecológico e apresentações culturais pelo lançamento da 5ª Ação Internacional da Marcha Mundial de Mulheres (MMM), no fim da manhã. Em seguida, a quantidade de pessoas começou a aumentar na concentração no vão livre do Museu de Arte de São Paulo (Masp) para o ato unificado.

O protesto teve como seu principal alvo o governo de Jair Bolsonaro, com críticas à retirada de direitos, exemplificada pelo desmonte das legislações trabalhista e previdenciária, e ao autoritarismo. “Esse ano a gente resolveu expressar que esse governo é quem dirige toda a agenda neoliberal, antidemocrática e conservadora, além de trazer temas caros para a luta das mulheres, como o combate à violência e a legalização do aborto”, disse Nalu Faria, da coordenação nacional da MMM.

Data: **16/03/2020**

Título: **Negros e latinos correm risco de extermínio diante da pandemia do COVID-19**

Fonte: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/>

Link: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/saude/63551/negros-e-latinos-correm-risco-de-extermínio-diante-da-pandemia-do-covid-19>

Recente reportagem no *The New York Times*, de 7 de março 2020, feita pelo jornalista John Eligon, chamou atenção para o risco do extermínio de populações negras e latinas, sobretudo as mais pobres, em razão da ausência de um atendimento adequado das mesmas pelos nossos sistemas de saúde.

É sabido, que os nossos sistemas de saúde devolvem para a população negra um tratamento não-isonômico, ao qual podemos definir como uma das manifestações negro políticas do racismo institucional.

Assim, podemos definir o racismo institucional como práticas não isonômicas realizados pelos Estados onde a população negra se faz presente, especialmente na política institucional dos órgãos, entidades e serviços delegados de saúde.

Convém, urgentemente, diante desse quadro de iminente pandemia, ficarmos atentos com o tratamento que será dado aos nossos idosos negros, crianças negras e, principalmente, aqueles que porventura encontram-se já doentes em face dos problemas originários do nosso percurso de discriminação racial que marcou e marca ainda as relações raciais no Brasil, EUA e tantos outros países

Assim, não entendemos a lentidão pela qual o governo brasileiro encontra-se no momento para fazer frente a tais ameaças, que, indubitavelmente, ponham em risco a população negra. Ora, o genocídio da população negra pode tomar contornos dramáticos se não forem tomadas as devidas providências acautelatórias para frear o triste evento do coronavírus.

Por fim, registre-se, também, a conduta de nossas autoridades para com a população negra, se confirmarem a iminente omissão, os nossos movimentos negros, em suas diversas facetas, terão que denunciar tais omissões institucionais aos organismos internacionais. Há, sem sombra de dúvidas, uma situação na qual a população negra mais pobre, que ainda é a maioria em nosso país, possa sofrer danos irreversíveis em sua vida cotidiana.

Data: **17/03/2020**

Título: **Centrais sindicais propõe medidas pró-emprego e contra o coronavírus**

Fonte: <https://vermelho.org.br/>

Link: <https://vermelho.org.br/2020/03/17/centrais-sindicais-propoe-medidas-pro-emprego-e-contra-o-coronavirus/>

As centrais sindicais vão manter a próxima quarta-feira, 18 de março, como Dia Nacional de Lutas, com paralisações, greves e protestos. Mas, em função do avanço do novo coronavírus, as entidades de base foram orientadas a não realizarem atos de ruas, nem atividades que gerem aglomerações de pessoas.

Em reunião nesta segunda (16), as centrais também aprovaram uma plataforma comum batizada de “Medidas de proteção à vida, a saúde, ao emprego e a renda dos trabalhadores e trabalhadoras”. Na opinião do movimento sindical, o plano do governo Bolsonaro para enfrentar a pandemia, baseado na aprovação de reformas de viés liberal, “vai na contramão das medidas adotadas pelos países no combate ao coronavírus e proteção às economias locais”.

Para as centrais. “o enfrentamento do coronavírus guarda semelhanças com uma economia de guerra e, diante do desleixo do governo, vem a público exigir medidas efetivas”. Como primeira medida, propõem o fim da Emenda Constitucional 95, que impôs o “teto de gastos”, retirando recursos da educação pública e do SUS (Sistema Único de Saúde).

“Também é preciso suspender os dispositivos da Lei de Responsabilidade Fiscal que impedem o aumento de gastos com a saúde dos estados e municípios nesse momento de crise extrema”, diz o documento. Além disso, é proposta a suspensão do pagamento da dívida pública, com o objetivo de utilizar os recursos para fortalecer a seguridade social (saúde, previdência e assistência social).

Data: **18/03/2020**

Título: **Grupo de trabalho quer garantir direitos de pessoas em situação de rua**

Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>

Link: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-03/grupo-de-trabalho-quer-garantir-direitos-de-pessoas-em-situacao-de>

O Grupo de Trabalho (GT) em Prol das Pessoas em Situação de Rua (GT Rua), da Defensoria Pública da União (DPU), recomendou a estados e municípios medidas para preservar os direitos dessa população diante da pandemia da Covid-19.

A garantia de funcionamento dos equipamentos e serviços, que atendam à população em situação de rua, é uma das recomendações, além da disponibilização de álcool em gel, máscaras faciais de proteção descartáveis e material informativo sobre a doença.

Todo esse material, segundo a DPU, deve estar disponível nos equipamentos e serviços que atendam a essas pessoas. Deve haver também a destinação de espaço específico, nesses locais, para as pessoas que se enquadram em grupo de risco da Covid-19, como os idosos, as gestantes e as pessoas com doenças crônicas.

Uma outra sugestão da DPU é que os espaços públicos educacionais e esportivos com a utilização suspensa em consequência da pandemia tenham equipamentos de higiene como vestiários e banheiros, usados para acomodar pessoas em situação de rua, e que não aconteça uma política indiscriminada de internação compulsória dessa população.

O documento com as recomendações da DPU indica que, na situação atual da evolução do coronavírus no Brasil, é imprescindível que a higiene seja uma prioridade individual e coletiva.

“Surge, então, uma necessidade ainda maior de que se assegure aos cidadãos em situação de rua o necessário para que possam proceder sua higienização e ter seu direito à saúde garantido”, disse o órgão nas sugestões, lembrando, que estas também são recomendações do Ministério da Saúde.

Na cidade do Rio de Janeiro, a prefeitura vai distribuir *kits* de higiene à população em situação de rua.

A secretária municipal de Assistência Social e Direitos Humanos, Tia Ju, informou que a pasta está fazendo o levantamento de preços para a compra dos kits.

“Estamos cotando para adquirir kits de higiene a serem distribuídos para esta população e trabalhar incisivamente com a conscientização do acolhimento, porque quando a gente acolhe ela com certeza ficará menos vulnerável do que está nas ruas. Estamos já na fase de cotação desses *kits*”, disse.

Outra decisão da secretaria é instalar chuveiros e pias em alguns locais da cidade para que a população em situação de rua possa fazer a higiene.

A secretária contou que está em entendimentos com o Ministério Público, Santa Casa e a Igreja Católica para definir os locais e a cessão de espaços.

“A Santa Casa, o Ministério Público e Igreja Católica vão ceder espaços para a gente implantar chuveiros e pias, no centro da cidade e em outras áreas, para que as pessoas possam fazer uso desses kits de higiene que estaremos distribuindo. Então, as ações serão intensificadas também para essa população que sabemos precisa muito”, afirmou.

Segundo a secretária, o atendimento à população em situação de rua é uma preocupação da pasta, principalmente, porque é mais vulnerável.

As medidas são discutidas em reuniões com técnicos da secretaria e da prefeitura, além de assistentes sociais.

Data: **20/03/2020**

Título: **Filhos de empregadas domésticas lançam manifesto pelo direito à quarentena das mães**

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/>

Link: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/20/filhos-de-empregadas-domesticas-lancam-manifesto-pelo-direito-a-quarentena-das-maes>

Na última terça-feira (17), uma idosa de 63 anos morreu depois de ter sido infectada pelo novo coronavírus. Ela trabalhava como empregada doméstica para uma mulher, cujo resultado para o teste de coronavírus deu positivo após retornar da Itália.

A situação de quem continua a trabalhar mesmo diante da pandemia de covid-19 é a mesma da mãe de Marcelo Rocha, em Mauá, na região do ABC Paulista. Sua mãe é empregada doméstica e diarista desde os seis anos de idade, e por muitas vezes trabalhou doente para conseguir manter os compromissos financeiros.

“Mesmo falando sobre os riscos do coronavírus, ela não tem como faltar com risco de ser demitida. As domésticas estão correndo grandes riscos e também são uma grande possibilidade de contágio, principalmente nos transportes nas metrópoles”, afirmou Marcelo Rocha, em um relato divulgado na internet.

Ele é um dos filhos de empregadas domésticas que reivindicam aos empregadores, o isolamento social remunerado da classe, no movimento Pela Vida de Nossas Mães. Em um manifesto divulgado na internet, seguido por um abaixo-assinado, chamam a atenção para a relação trabalhista precária das empregadas domésticas e salientam para a emergência de atender à quarentena estipulada pelas autoridades.

“Há anos nossas mães, avós, tias, primas dedicam suas vidas a outras famílias, somos todas (os) afetadas (os) por essa "relação trabalhista" de retrocesso e modo escravistas.

Tivemos nossas vidas marcadas por esse contexto, que precisa ser repensado por toda sociedade, sobretudo, pelos empregadores”, afirmam no manifesto.

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de novembro de 2019, 6,356 milhões de brasileiros trabalham como empregados domésticos.

“As diaristas estão em situação ainda mais precária e vulnerável, sem contratos legais que possibilitem, por exemplo, negociar adiantamento de férias. Por isso, encontram ainda mais obstáculos em se manterem e garantirem a segurança de seu coletivo familiar, pois recebem por dia trabalhado”, afirmam os filhos de empregadas domésticas e diaristas no manifesto.

Diante do cenário, eles pedem a dispensa remunerada imediata de domésticas, com carteira assinada ou informais, e de diaristas; o adiantamento das férias em sua totalidade ou de forma parcial; e caso o empregado more na casa do empregador e esteja em grupo de risco, o mesmo não poderá ser colocado em situações de risco de contágio, como: ir a supermercados, farmácias, shoppings e demais espaços públicos, evitando assim, quaisquer tipo de aglomerações.

“No meu caso, minha avó trabalhou anos em uma casa de família. Ela tinha seus 63 anos, chegava lá às 6h duas vezes na semana, depois passou a cozinhar, a passar, a lavar terraço... ganhando apenas R\$100, sem a passagem. Em janeiro, ela veio a óbito e a mensagem recebida pelo WhatsApp foi: ‘Dona Conceição, arrumei outra pessoa para pôr no seu lugar, já que a senhora não veio mais, a minha casa tá toda suja porque as paredes foram pintadas’”, afirmou Nicole Nascimento, de Japeri, no Rio de Janeiro, em mais um dos relatos dados no manifesto.

Data: **20/03/2020**

Título: **População de rua fica à mercê em pandemia: "lavamos as mãos nas poças quando chove"**

Fonte: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/>

Link: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/63663/populacao-de-rua-fica-a-merce-em-pandemia-lavamos-as-maos-nas-pocas-quando-chove>

Acostumado a mexer em recicláveis que ele cata pelas ruas de São Paulo, a cor preta da sujeira em suas mãos não incomoda José de Souza, 49 anos. As mãos só são lavadas quando há possibilidade de usar um banheiro. Ainda assim, o homem em situação de rua esfregava uma mão na outra tentando aproveitar um dos raros momentos do seu dia em que teria acesso ao álcool em gel, a fim de se prevenir do coronavírus.

Para José, o produto oferecido pela Missão Belém, da Arquidiocese de São Paulo, é um luxo que ele não está acostumado a ter. “Na rua não tem nada disso”, me disse. “Falam que a gente tem que lavar as mãos, mas vamos lavar onde? A gente não tem água. Não acredito que eu vá pegar essa doença. Tenho fé, Deus vai me proteger. Já passei por muita coisa nessa vida e tô aqui trabalhando de baixo de chuva e sol”.

A notícia da doença que já matou mais de nove mil pessoas no mundo, chegou a José pela TV de um bar. Tudo o que ele sabe é o que viu lá. “Eu sei que já matou muita gente. Vi que os sintomas são tosse, febre e falta de ar”. Desde então, seus dias na rua estão se tornando cada vez mais difíceis. “Olha, é isso que eu tenho pra comer”, me disse abrindo um saco com dois salgados. “Essa doença começou e agora as pessoas têm medo de sair de casa e não entregam mais comida”, lamenta.

Por cada carroça cheia José ganha R\$20. Em um dia bom de trabalho já conseguiu faturar até R\$50. Mas com a chegada do vírus ao Brasil, conta que o trabalho também foi prejudicado. “Eu trabalho com reciclagem. As empresas, lojas, tudo fechando, diminuiu o lixo. Agora é mais difícil encher o carrinho”, explica.

A Paróquia São Miguel Arcanjo, na Mooca, zona leste de SP, que fica sob os cuidados de padre Júlio Lancelotti, sempre foi o refúgio para a população de rua. Em tempos de coronavírus, mais ainda. Foi lá que a *Ponte* encontrou mais de 100 pessoas em busca do básico para viver: comida, álcool e sabonete. Enquanto o grupo tomava café da manhã, por volta das 8h30 desta quinta-feira (19/3), o padre explicava sobre o coronavírus e as formas de prevenção. Aos que tossiam, ele oferecia máscara numa tentativa de minimizar os riscos, devido a aglomeração de pessoas.

“Há aqueles que dizem ‘eu sou pobre, nem essa doença vai me querer’, e há aqueles que já olham o contexto e se preocupam mais com a falta de comida, trabalho e segurança”, declara Lancelotti. Ambos estão em risco, uma vez que a possibilidade de higienização é escassa. E o desabafo do auxiliar de serviços gerais Robson de Almeida, que está em situação de rua, denuncia isso. “Eu sei que tô falando por tudo mundo aqui. Hoje nós agradecemos que choveu e tá cheio de poça de água, e a gente vai ter acesso para lavar as mãos”.

O infectologista Juvêncio Furtado, professor de Infectologia na Faculdade de Medicina do ABC e chefe do Departamento de Infectologia do Hospital Heliópolis, explica que a população de rua faz parte dos grupos de risco por viverem em locais abertos, na rua, sem a possibilidade de higienização. “Eles estão expostos a qualquer tipo de vírus, da influenza à corona”, diz.

O médico defende a ideia do acolhimento como possibilidade de prevenção. “Além de albergues, é preciso pensar em como conscientizar essa população sobre a importância

dessa higienização e oferecer até mesmo nas ruas a possibilidade pra que isso aconteça”, afirma.

Auxiliar de serviços gerais Robson Oliveira de Almeida: “Lavo as mãos na poça d’água quando chove” | Foto: Caio Castor/Ponte Jornalismo

Uma possível solução para monitorar os sintomas dessas pessoas, afirma Lancelotti, que também é coordenador da Pastoral do Povo de Rua, é a criação de centros de acolhida emergenciais. Para ele, locais como o Ginásio da Mooca poderia servir como um desses centros. “Tendo um lugar para entrar no ginásio, um colchão para dormir e pessoal da saúde acompanhando, já minimiza a situação”, pondera.

Quanto a dinâmica de prevenção exigida para conter a propagação do vírus, Irandir dos Santos, que estava na igreja, desabafou: “as pessoas discutem sobre a doença, de lavar a mão, de passar álcool em gel, máscaras, mas não existe isso na rua é só na televisão”.

Questionada sobre a possibilidade de executar iniciativa como a destinação de um local para acolhimento da população de rua, a prefeitura de SP afirma, em nota, que realizou a capacitação dos profissionais das Unidades Básicas de Saúde e intensificou as abordagens de pessoas em situação de rua com orientação dos profissionais das equipes Consultório na Rua e Redenção na Rua.

“Na identificação de caso suspeito é realizada pesquisa de onde a pessoa em situação de rua dorme e circula, para identificar contatos e possíveis novos suspeitos e encaminha a a pessoa para atendimento”, diz trecho da nota.

Embora o órgão tenha alegado que profissionais estão rodando as ruas de São Paulo para orientar a população de rua quanto ao coronavírus, o grupo reunido na Paróquia São Miguel Arcanjo afirmou nunca ter recebido nenhuma abordagem do órgão.

Atualmente, de acordo com a assessoria de imprensa da administração municipal, a cidade conta com 89 casas de acolhimento com 17,2 mil vagas, para atender as mais de 24 mil pessoas que vivem nas ruas. A assessoria também afirmou que há 10 núcleos de convivência para pessoas em situação de rua na cidade, com 3.172 vagas, com acesso a banheiros e kits de higiene, onde eles podem tomar banho e receber orientações.

Data: **21/03/2020**

Título: **População pobre terá dificuldades em isolamento, afirma infectologista**

Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>

Link: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-03/populacao-pobre-tera-dificuldades-em-isolamento-afirma>

A situação dos brasileiros mais pobres durante a pandemia do novo coronavírus “é uma grande preocupação” do médico Marco Aurélio Sáfy, diretor do Departamento de

Infectologia da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e diretor do Departamento de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. “Com mais de 30 anos de experiência, eu nunca trabalhei com tanta ansiedade”, desabafa.

De acordo com o Sáfadi, Estado e sociedade devem agir para garantir “blindagem dos idosos”. Ele defende medidas já tomadas, como o confinamento compulsório das pessoas em casa, a interrupção de atividades, como aulas, e o fechamento do comércio nas cidades. “De fato as restrições de circulação desempenham um papel importante”. Ele pondera que a ampliação da testagem da população, já feita em outros países, também seria efetiva. “A partir dali o indivíduo passa a tomar mais cuidados”, acredita o médico.

Em sua visão, a infecção causada pelo novo coronavírus será mais branda entre as crianças do que nas faixas etárias mais avançadas. No entanto, elas poderão involuntariamente “desempenhar um papel importante na dinâmica da transmissão”, explica Sáfadi. O especialista alerta para a situação de localidades densamente ocupadas com residências de poucos cômodos e muitos moradores.

“É inexorável que a doença vá se alastrar. Como pedir isolamento a uma família onde cinco dormem no mesmo cômodo?”, pergunta o médico. Segundo o estudo Sínteses dos Indicadores Sociais do IBGE, de 2019, 5,6% do conjunto da população e 14,5% da população abaixo da linha da pobreza dormem em cômodos com mais de três pessoas. Conforme critério do Banco Mundial, são considerados pobres pessoas que têm rendimento domiciliar per capita inferior a US\$ 5,5 por dia, aproximadamente R\$ 27,50.

O IBGE informa que uma parcela significativa de brasileiros mora em condições que trazem dificuldades para o controle de epidemias. Segundo dados do instituto, 12% da população reside em locais com ao menos uma inadequação. Além da alta densidade de pessoas na mesma residência, “a utilização de materiais não-duráveis nas paredes externas do domicílio” e “a ausência, no domicílio, de banheiro de uso exclusivo dos moradores – ou seja, um cômodo com instalações sanitárias e para banho”.

Mais de 37% dos brasileiros residem em moradias onde falta ao menos um serviço de saneamento básico. Entre os mais pobres a situação é pior: a taxa sobe para 60% da população.

Data: **22/03/2020**

Título: Cruz Vermelha discute prevenção à covid-19 no sistema prisional

Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>

Link: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-03/cruz-vermelha-discute-prevencao-covid-19-no-sistema-prisional>

Com a pandemia do novo coronavírus declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e com o aumento dos casos em ritmo intenso, muitos países discutem como ficam as populações carcerárias nesse contexto. Na última sexta-feira (20) Ministros e autoridades penitenciárias de Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai e representantes do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) se reuniram para debater o problema.

O CICV, através da chefe da Delegação Regional do CICV para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, Simone Casabianca-Aeschlimann, se colocou à disposição para ajudar. O trabalho do comitê, nesse contexto, se concentra em fortalecer o exame médico do recém-chegado ao sistema prisional e criar medidas de prevenção – como estações de lavagem de mãos – para os detidos, visitantes, guardas e pessoal de entrega.

Vivendo em condições que não possibilitam o isolamento entre eles, os detentos ficam mais vulneráveis à covid-19, doença causada pelo novo coronavírus. Essa é a afirmação de Elena Leclerc, a coordenadora do programa Saúde em Detenção do CICV. Segundo ela, a superlotação e a alimentação, muitas vezes nutricionalmente inadequada, contribuem para essa vulnerabilidade.

Outra avaliação que ela faz é sobre o sistema de saúde dentro de um presídio. Segundo Elena, muitos países não dão à saúde do detento a mesma atenção dada ao cidadão comum. “Se a covid-19 atingir uma prisão, a demanda por serviços médicos dessa população vulnerável será bastante alta e o sistema de saúde da prisão provavelmente não terá a capacidade, os suprimentos médicos nem os recursos humanos, em particular, para responder às demandas”, disse, em entrevista divulgada pelo site do CICV.

Para a coordenadora, o desafio é impedir que a infecção chegue às unidades prisionais. Porque, uma vez lá dentro, é difícil conter a epidemia. “Em uma prisão superlotada, uma vez que uma pessoa seja infectada com o covid-19, é provável que centenas de outras pessoas a contraíam. As pessoas já podem ter um sistema imunológico comprometido por causa da tuberculose ou do HIV/Aids, ou outras condições crônicas como a diabetes. Isso significa que veremos uma taxa de mortalidade mais alta nessa população carcerária”.

Na última segunda-feira (16), o Departamento Penitenciário Nacional (Depen), vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, anunciou medidas de prevenção do novo coronavírus no sistema carcerário. Foram suspensas por 15 dias as visitas sociais nos presídios federais; por cinco dias os atendimentos de advogados – salvo necessidades urgentes ou que envolvam prazos processuais não suspensos; e escoltas – com exceção de requisições judiciais e inclusões emergenciais.

Os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Goiás, Amazonas, Roraima, Tocantins, Alagoas, Sergipe e Ceará, além do Distrito Federal, suspenderam as visitas nos presídios por eles administrados. Já os estados da Paraíba, além da nota

técnica, informaram que fará triagens de visitas. Ceará, Piauí e Mato Grosso do Sul farão triagens nas visitas.

Data: **22/03/2020**

Título: **Combater o coronavírus com políticas públicas**

Fonte: <https://vermelho.org.br/>

Link: <https://vermelho.org.br/2020/03/22/combater-o-coronavirus-com-politicas-publicas/>

O pacote anunciado pelo governo – de R\$ 147 bilhões para enfrentar o coronavírus – é uma farsa. Não ataca o centro do problema, não aponta para a revogação da Emenda Constitucional (EC) 95, o grande entrave para o desenvolvimento econômico e social do país e toma medidas tímidas com relação ao Sistema Único de Saúde, cujo fortalecimento é essencial para reduzir o alcance e as consequências da grave pandemia.

A bem da verdade, não tem dinheiro novo nenhum. Só antecipações e adiantamentos. Antecipa o 13º salário dos aposentados, o abono salarial, adia o pagamento do FGTS pelas empresas, o recolhimento do simples e confisca 50% do Sistema S, por três meses.

Em relação ao programa Bolsa Família, Bolsonaro cortou 158 mil beneficiários em meio à pandemia, sendo 61% do Nordeste. O dado é revelador do quanto sua política é cruel com os pobres e desumana. Mais ainda, preconceituosa e discriminatória com o povo nordestino, numa atitude criminoso que fere e ataca a nossa Constituição.

A política econômica de Bolsonaro e Paulo Guedes é criminoso e irresponsável. Com a economia estagnada, o Brasil já conta hoje com cerca de 12 milhões de desempregados, 5 milhões de desalentados, população que sobe a 28 milhões quando adicionamos os subempregados. O índice de informalidade subiu a 41% da População Economicamente Ativa, o que equivale a quase 40 milhões de brasileiros e brasileiras.

A situação vai piorar sensivelmente com a pandemia e a crise econômica global. A resposta do governo é radicalizar uma política econômica suicida. Seu programa continua a ser tirar direitos, desonerar o capital e reduzir os salários à metade, esfacelar o Estado, entregar a Eletrobrás na bacia das almas e retalhar a Petrobras. Uma política que, em vez de solucionar, tem acentuado e vai acentuar ainda mais a crise.

É hora de virarmos de ponta cabeça essa política, revogando a EC 95 e ampliando substancialmente os investimentos públicos, assegurando uma renda mínima para os brasileiros mais pobres e preservando salários e empregos. O bom senso indica a necessidade de suspender temporariamente e renegociar o pagamento dos juros da dívida pública – que consomem quase metade do orçamento da União –, usar os recursos e os

créditos do Estado para investimento público e a garantia de renda para os trabalhadores e trabalhadoras.

Não é admissível num quadro de dificuldades transferir trilhões do Tesouro para doar aos banqueiros, rentistas e especuladores. O caminho, mais do que nunca, é de consolidar uma amplíssima Frente Democrática que una trabalhadores, Congresso Nacional, ministros do STF, empresários, religiosos, lideranças populares, artistas e lideranças militares para vencer essa guerra.

Precisamos frear o ímpeto da contaminação. Precisamos garantir a renda para que o maior número possível de brasileiros e brasileiras, quando ameaçados pelo contágio, possivelmente alguns milhões, se recolham em quarentena. Precisamos aumentar o quanto for necessário a capacidade de atendimento, de leitos e respiradores, para socorrer as centenas de milhares de brasileiros e brasileiras que serão contaminados. Durante o período de quarentena, é necessário garantir os empregos e uma renda capaz de alimentar a classe trabalhadora e suas famílias. Liberar o povo do pagamento de aluguel, luz, água e gás por no mínimo três meses. Garantir um salário mínimo para os milhões que estão desempregados, subempregados e na informalidade.

Os exemplos que sopram do mundo sugerem medidas nesta direção. Em Portugal, para os trabalhadores e trabalhadoras em quarentena ou cuidando dos filhos, o governo garantiu 2/3 do salário. Nos EUA, o governo garantiu 1.000 dólares (ou R\$ 5 mil) para todos os cidadãos e cidadãs. A Inglaterra garantiu 80% dos salários para trabalhadores e trabalhadoras desempregados e, como a França, liberou a licença-saúde. A China derrotou o vírus com quarentena, investimentos públicos, construção relâmpago de 14 grandes hospitais e amplo atendimento médico à população.

Não dá para adiar mais. Vamos tirar o Brasil da estagnação, erguer a bandeira da democracia, da soberania, dos direitos e da vida. Fortalecer mais do nunca o Sistema Único de Saúde, instrumento central no trato da grave epidemia. Seguir unidos e juntos para salvar nosso povo das ameaças do coronavírus e do Bolsonaro.

Data: **23/03/2020**

Título: **Cuba envia brigadas médicas contra o coronavírus a Itália e América Latina**

Fonte: <https://brasil.elpais.com/>

Link: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-03-23/cuba-envia-brigadas-medicas-contra-o-coronavirus-a-italia-e-america-latina.html>

Centenas de médicos e enfermeiros cubanos já participam *in loco* do combate ao coronavírus em vários países da América Latina e também na Itália. Neste domingo, 53 deles chegaram à Lombardia, epicentro da Covid-19 na Europa, para prestar ajuda

emergencial devido à sobrecarga do sistema de saúde nessa região do norte da Itália. Cuba informou que o seu pessoal está treinado no enfrentamento de outras epidemias —como a do ebola, na África— e já colaborou em diversos países, inclusive no Brasil. Segundo Giulio Gallera, assessor de Saúde e Bem-Estar da região da Lombardia, em um primeiro momento eles trabalharão no hospital de Crema (sul da Lombardia) e serão enviados ao novo hospital de campanha a ser construído em Bergamo, a zona mais afetada pelo novo coronavírus na região, onde os mortos são contados às centenas e há milhares de contagiados.

É a primeira vez que Cuba presta ajuda desse tipo a um país desenvolvido como a Itália, embora a presença de médicos cubanos na América Latina e países do terceiro mundo seja habitual. As autoridades cubanas indicaram que atualmente suas brigadas médicas estão atuando também em Suriname, Venezuela e Nicarágua, e que ao todo 31 países recebem atualmente diferentes tipos de colaboração sanitária cubana para enfrentar o coronavírus.

“Até este minuto, nenhum colaborador da saúde se reporta como doente de coronavírus em nossas brigadas médicas no exterior”, afirmou o diretor da Unidade Central de Colaboração Médica do Ministério da Saúde Pública de Cuba, o médico Jorge Juan Delgado Bustillo. Segundo ele, há na ilha “um sentimento nacional de querer cooperar”. “Recebemos mensagens de pessoas voluntárias dispostas a partir para qualquer lugar para ajudar diante desta situação global de saúde”, acrescentou.

Cuba mantém presença médica em mais de 60 países. Em 2019, o pessoal sanitário cubano no exterior superava 28.000, sendo quase metade na Venezuela. Esta política internacionalista foi, desde o triunfo da Revolução Cubana, em 1959, uma das bandeiras do Governo de Fidel Castro, além de se tornar nas últimas duas décadas uma importante fonte de rendimentos, pois muitos convênios de cooperação, implementados através de organismos internacionais como a OMS e a OPAS, trazem uma notável arrecadação para os cofres públicos, sem falar do prestígio.

O envio de brigadas médicas para colaborar no enfrentamento ao coronavírus ocorre num momento em que a ilha se prepara para fechar suas fronteiras ao turismo, a partir desta terça-feira, e quando Cuba já notificou 35 casos confirmados da doença —10 a mais que no sábado passado. Mais de 900 pessoas estão isoladas em centros sanitários por sintomas suspeitos, enquanto 30.000 estão sujeitas a vigilância médica em seus domicílios. Até o momento, um turista italiano morreu em Cuba por causa da Covid-19, duas pessoas se encontram em estado crítico e outra está em estado grave.

As autoridades decretaram na sexta-feira o fechamento do país ao turismo, anunciando que a partir da terça-feira só residentes poderão entrar na ilha, desde que se submetam a um confinamento preventivo de 15 dias em um centro assistencial, mesmo na ausência de sintomas. Atualmente, cerca de 60.000 turistas —sendo quase 15.000 europeus— se encontram em visita a Cuba e devem deixar o país nos próximos dias. As autoridades

disseram que o espaço aéreo não será fechado, por isso as companhias aéreas que ainda mantêm seus voos —como as espanholas Iberia e Air Europa— poderão retirar os viajantes.

O Consulado da Espanha em Havana abriu no fim de semana para atender e informar os viajantes e está recomendando aos que ainda se encontram na ilha que retornem o quanto antes, embora Havana não tenha determinado um prazo para que deixem o país. Um critério semelhante foi adotado por outros consulados europeus, enquanto com os passageiros da América Latina a situação é muito mais complexa, pois muitas companhias aéreas da região suspenderam voos, e os turistas estão com dificuldades para retornar. É o caso de 900 argentinos que no sábado estavam retidos em Havana à espera de uma solução.

Data: **24/03/2020**

Título: **Fragilidade dos Governos dificulta luta contra o coronavírus na América Latina**

Fonte: <https://brasil.elpais.com/>

Link: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-24/fragilidade-dos-governos-dificulta-a-luta-da-america-latina-contra-o-coronavirus.html>

Achegada da pandemia do coronavírus obriga a América Latina a enfrentar seus piores fantasmas. O impacto ainda é baixo em comparação a Europa e Ásia, mas a sequência é tão semelhante e o anúncio da chegada do asteroide é tão estrondoso que quase todos os Governos já se preparam para o pior. Inclusive os dirigentes mais céticos, prudentes ou desconfiados, seja por convicção ou por necessidade, dão o braço a torcer. Liderado pelo Brasil, o coronavírus começa a se instalar numa região com muitas carências. E estará, além disso, em lugares onde, diferentemente do visto no resto do mundo, o Estado praticamente inexistente, o que dificulta ainda mais a luta contra o contágio.

A América Latina, um subcontinente com 600 milhões de habitantes, está confinada. Praticamente não é possível o trânsito entre países depois que todas as principais potências, com exceção do México, fecharam as suas fronteiras, inclusive as aéreas, caso da Colômbia. E nesta ocasião para quase todos, pois durante anos esses passos estiveram limitados, quando não interditados, para milhões de migrantes que fugiam da miséria e da violência, fosse na Venezuela ou na América Central a caminho dos Estados Unidos. Medidas que, entretanto, talvez não possam ter um impacto real para frear o contágio, na medida em que a Coreia do Sul, o exemplo para o qual todo o mundo olha, não fechou suas fronteiras.

O caso da América Latina, observa Oliver Stuenkel, professor de Relações Internacionais na Fundação Getúlio Vargas e articulista do EL PAÍS, pode ser efeito “simbólico, para dar a

sensação de que os Governos estão fazendo algo”. “Não há dúvida de que o fechamento de fronteiras terá consequências negativas e imprevisíveis com o tempo. Muitos países estão integrados, como o México e os Estados Unidos, ou a Argentina e o Brasil. Esses elos estão sendo deixados de lado e não tenho certeza de que serão restaurados”, acrescenta Brian Winter, vice-presidente da Americas Society and Council of the Americas.

Data: **24/03/2020**

Título: **Violência contra mulher pode aumentar na quarentena, alerta secretária da Paraíba**

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/>

Link: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/24/violencia-contramulher-pode-aumentar-na-quarentena-alerta-secretaria-da-paraiba>

Diante da pandemia causada pela propagação da covid-19, a quarentena tem se mostrado eficaz em diversos lugares do mundo. No entanto, o isolamento, a coexistência forçada e a instabilidade socioeconômica nesse período podem implicar no risco de maior exposição das mulheres à violência doméstica. Ongs chinesas de defesa da mulher denunciam volume triplicado de consultas à vítimas após a quarentena.

Segundo Lídia Moura, secretária da Mulher e da Diversidade Humana, a rede de proteção à mulher do governo já suspeitava da possibilidade do aumento de casos na Paraíba, e decidiu manter alguns serviços ativos como a Casa Abrigo Ariane Taís e o Programa Integrado Patrulha Maria da Penha.

“A Casa Abrigo, por razões óbvias, já era de mulheres que estavam confinadas em função de terem sofrido violência severa. Então nós mantivemos a casa, que tem a equipe multidisciplinar, e também equipes de enfermagem que fazem esse acompanhamento”, informa a secretária.

Segundo a secretária, a Patrulha do Programa Integrado Maria da Penha permanece com todo o serviço em funcionamento, com acompanhamento de medidas que já estão no judiciário, medidas que sofram descumprimento e também as novas medidas, destacando que as Rotas estarão em funcionamento normal.

“As rotas estão funcionando normalmente porque já notamos algumas tentativas de agressores com medida restritiva de se aproximarem das mulheres, então a gente tem que dar uma resposta efetiva”, conclui Lídia Moura.

Os atendimentos da Delegacia da Mulher estarão centralizados exclusivamente na Delegacia da Mulher da Zona Sul de João Pessoa (Deam - Sul), funcionando para toda a região metropolitana, normalmente, porém, apenas para os casos de violência física e que

envolvem urgência, prisões em flagrantes, estupro e lesão corporal às mulheres. A vítima pode ligar para 190 ou dirigir-se para a Deam - Sul.

Os outros tipos de denúncia (ameaça, injúria, difamação, calúnia), poderão ser feitos através de B.O no site da Delegacia Online ou pelo telefone 197.

Segundo a delegada Maísa Félix, até o domingo (22), não houve registro de aumento do número de casos de violência contra as mulheres, porém o sistema e a rede estão todo em alerta.

Data: **25/03/2020**

Título: **Coronavírus pode dizimar povos indígenas, diz pesquisadora**

Fonte: <https://www.bbc.com/>

Link: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52030530>

À medida que o novo coronavírus se alastra pelo Brasil, crescem os temores de que comunidades indígenas sejam dizimadas pela covid-19, a doença causada pelo patógeno.

Doenças respiratórias já são a principal causa de morte entre as populações nativas brasileiras, o que torna a pandemia atual especialmente perigosa para esses grupos.

Há ainda preocupações quanto ao desabastecimento de muitas comunidades indígenas que compram alimentos em cidades e dependem de programas sociais como o Bolsa Família, mas estão sendo orientadas a evitar os deslocamentos para impedir o contágio.

Apesar da gravidade do cenário, associações indígenas e entidades que os apoiam afirmam que órgãos federais não têm adotado providências para proteger as comunidades - e que há falta de materiais básicos, como máscaras, para lidar com eventuais casos nas aldeias.

“Há um risco incrível de o vírus se alastrar pelas comunidades e provocar um genocídio”, diz a médica sanitária Sofia Mendonça, pesquisadora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Data: **25/03/2020**

Título: **Coronavírus: como a América Latina e o Caribe estão lidando com pandemia**

Fonte: <https://www.brasilefato.com.br/>

Link: <https://www.brasilefato.com.br/2020/03/25/como-a-america-latina-e-o-caribe-estao-lidando-com-a-covid-19>

O número confirmado de casos da covid-19 ao redor do mundo já passou de 350 mil com mais de 15 mil mortos até esta quarta-feira (25). A Europa, o epicentro da pandemia, tem visto um aumento exponencial de casos, com governos correndo para conter o avanço da doença e compensar suas lentas reações.

Nos Estados Unidos, o número de casos confirmados do novo coronavírus passou de 60 mil nesta quarta-feira (25), e 827 pessoas morreram, segundo a Universidade Johns Hopkins, que reúne números sobre o avanço da doença no mundo.

O país tem o terceiro maior número de casos confirmados, atrás da China e da Itália, sendo a última o país mais afetado pela epidemia, com 5.476 mortes.

No momento, a América Latina e o Caribe se encontram nos estágios iniciais do surto, porém, quase todos os países da região têm casos confirmados, com a exceção de Belize. O Brasil é o país que apresenta maior número de casos na região. São 2.433 casos confirmados e 57 mortes.

Baseado em projeções, o vírus deve impactar a região com força. No Brasil, a estimativa feita por analistas em um relatório da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) obtido pelo *The Intercept Brasil* de que o número de mortes pode chegar a 5.571 até o dia 6 de abril.

Muitos países têm sofrido cortes nos setores públicos, especificamente na Saúde e Educação, prejudicadas por programas neoliberais de líderes de extrema direita, e despreparados para lidar com o fluxo de pacientes, ou de administrar os testes e coordenação necessárias durante a crise de saúde.

Data: **25/03/2020**

Título: **Trabalhadoras informais temem não ter como alimentar filhos em crise do coronavírus**

Fonte: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/>

Link: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/63742/trabalhadoras-informais-temem-nao-ter-como-alimentar-filhos-em-crise-do-coronavirus>

"Sou diarista, gente, e devido à crise do coronavírus, próxima semana qualquer kitnet no bairro por R\$ 110,00". Esse foi o primeiro post de Jennifer Monah, 30 anos, em um grupo no Facebook de um bairro de classe média de São Paulo. No dia seguinte, nova postagem. "Gente, sei que todo cuidado é pouco com o coronavírus. Mas tem muita mulher sozinha que sustenta as crianças e a casa desse dinheiro. Eu tô num mato sem cachorro (...) Trabalho de máscara, luva, o que for preciso."

Sem estabilidade, sem possibilidade de trabalhar de casa, sem direitos trabalhistas e sem benefícios do governo, Jennifer é o retrato de como as trabalhadoras informais estão sendo afetadas pela pandemia do coronavírus (Covid-19) no Brasil.

Jennifer, mulher negra, moradora de Itaquera, na Zona Leste de São Paulo, é mãe solo de quatro filhos (entre dois e 16 anos). O pai das crianças não tem emprego formal e paga cerca de 300 reais por mês de pensão. É com seu trabalho de diarista que Jennifer garante a maior parte do sustento da casa.

Assim que o governo federal anunciou o voucher de 200 reais para trabalhadores informais, Jennifer saiu de casa para solicitar o seu. Ao chegar no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) mais perto de sua casa, descobriu que o valor ainda não estava disponível. “Eles me informaram que isso só vai ser liberado se a pandemia continuar. E daí vai ter que fazer agendamento do cadastro por telefone, mas os CRAS vão fechar”, conta ela, questionando a efetividade da medida.

A reportagem procurou o Ministério da Economia, que informou que os prazos e processos para liberação do dinheiro ainda dependem de ato normativo, que será enviado ao Congresso Nacional.

Data: **27/03/2020**

Título: **Confira como você pode ajudar minimizar efeitos da Covid-19 nas populações periféricas**

Fonte: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/>

Link: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/63802/confira-como-voce-pode-ajudar-minimizar-efeitos-da-covid-19-nas-populacoes-perifericas>

Enquanto governo federal e governos estaduais e municipais travam batalhas em torno das medidas para evitar o impacto do coronavírus na vida da população – se isola todo mundo ou se reabre as empresas –, nas periferias e favelas a mobilização já acontece.

Na base do “nós por nós”, a boa e velha solidariedade, campanhas apoiam catadores de recicláveis, artesãs, camelôs, pessoas trans e autônomos das periferias; e mapeiam pontos para receber mantimentos e articulam apoio de empresas.

A Periferia em Movimento identificou 11 iniciativas. A lista segue sendo atualizada.

Data: **28/03/2020**

Título: **Em meio à pandemia da covid-19, governo anuncia remoção de quilombolas no Maranhão**

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/>

Link: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/28/em-meio-a-pandemia-da-covid-19-governo-anuncia-remocao-de-quilombolas-no-maranhao>

Uma resolução do governo federal, publicada no Diário Oficial da União (DOU) da última sexta-feira (27), assinada pelo general Augusto Heleno, ministro do Gabinete de Segurança Institucional, anuncia que o Brasil removerá, em meio à pandemia do coronavírus, as comunidades quilombolas de Alcântara, no Maranhão. A área ocupada pelas famílias será

utilizada para expandir o Centro de Lançamento de Alcântara (CLA), um convênio que Jair Bolsonaro já firmou com os Estados Unidos.

A remoção deve prejudicar, de acordo com a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), aproximadamente 800 famílias. A medida foi criticada por movimentos sociais e pelo governo do Maranhão, que pediu respeito às comunidades, que estão no território desde o século XVII.

“Primeiro, é preciso cuidado, pelo contexto de uma pandemia, em que a prioridade deve ser cuidar das pessoas e não de fragilizar suas condições de vida. Segundo esse comitê, de acordo com a convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho), não deveria ter tomado nenhuma decisão de remover populações, antes de consultar as comunidades locais. Terceira, o governo federal deve resolver os passivos derivados de remanejamentos anteriores, com graves prejuízos às comunidades quilombolas. O comitê tomou essa decisão antes de concluir os trabalhos do grupo técnico”, afirma Francisco Gonçalves da Conceição, secretário de Direitos Humanos e Participação Popular do governo estadual do Maranhão.

Em nota, o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST), Movimento da Associação do Território Quilombola de Alcântara (ATEQUILA), o Movimento de Mulheres Trabalhadoras de Alcântara e o Movimento dos Atingidos pela Base Espacial (MABE), entre outros, condenaram a medida.

“Consideramos a medida arbitrária e totalmente ilegal, uma vez que afronta diversos dispositivos legais de proteção dos direitos das comunidades remanescentes de quilombo, bem como, tratados e convenções interacionais referidos aos direitos destas comunidades”, explicam os movimentos, que reafirmaram o desejo de permanecer no local.

“Por fim, não admitimos quaisquer possibilidades de deslocamentos reafirmamos nossa irrestrita e ampla defesa às comunidades quilombolas de Alcântara no direito de permanecer no seu território tradicional na sua inteireza e plenitude. Acionaremos todos os meios e medidas possíveis para resguardá-las”, encerra a nota.

Para o cientista político Danilo Serejo, membro do Conaq e do Mabe, o governo federal, ao determinar a remoção, é “racista”.

“Estamos vendo isso com bastante preocupação, porque esse processo todo foi feito sem que fosse feito um processo transparente com as comunidades quilombolas de Alcântara. Então, autorizar a remoção sem cumprir nenhuma das garantias previstas no direito brasileiro e internacional é muito complicado. Verticalizar essa decisão em cima das vidas quilombolas de Alcântara só mostra como esse governo é autoritário e racista”, afirma Serejo.

Na resolução, o general Heleno anuncia que a Aeronáutica fará as remoções das famílias e o Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) ficará encarregado do

reassentamento das famílias em outra área. O governo não determinou uma data para a retirada dos quilombolas de seus territórios, mas a medida será tomada antes da conclusão dos estudos técnicos do Comitê de Desenvolvimento do Programa Espacial Brasileiro, que teve o prazo final prorrogado em 180 dias.

Data: **28/03/2020**

Título: **A favela contra o coronavírus: como reagem as comunidades mais pobres?**

Fonte: <https://vermelho.org.br/>

Link: <https://vermelho.org.br/2020/03/28/a-favela-contra-o-coronavirus-como-reagem-as-comunidades-mais-pobres/>

Uma das grandes preocupações em meio à pandemia do novo coronavírus é a situação das comunidades mais pobres – em especial, as favelas – nas grandes metrópoles brasileiras. Segundo o IBGE, ao menos 11,4 milhões de pessoas vivem nos chamados “aglomerados subnormais”.

Os estados mais populosos do País – São Paulo e Rio de Janeiro – concentram o maior número dessas comunidades. Só na Região Metropolitana de São Paulo, há mais de 2 mil favelas. A cidade do Rio de Janeiro tem mais de 760, com destaque para a maior do Brasil, a Rocinha, com uma população superior a 70 mil moradores.

A superpopulação não se restringe aos estados do Sudeste. Tanto que a segunda maior favela do País – a Sol Nascente, que conta com 56 mil habitantes – fica em Ceilândia, no Distrito Federal, região Centro-Oeste. Belém (PA), no Norte, abriga a quinta maior – a Baixadas da Estrada Nova Jurunas e seus 53 mil moradores.

A superpopulação não se restringe aos estados do Sudeste. Tanto que a segunda maior favela do País – a Sol Nascente, que conta com 56 mil habitantes – fica em Ceilândia, no Distrito Federal, região Centro-Oeste. Belém (PA), no Norte, abriga a quinta maior – a Baixadas da Estrada Nova Jurunas e seus 53 mil moradores.

Quem reside em favela pode estar habituado à histórica negligência de Estado e à ausência de políticas públicas – que limitam as oportunidades de trabalho e educação para melhorar a vida. Mas a tudo isso se soma, agora, o desafio de viver sob a crise provocada pelo coronavírus. A luta pela sobrevivência assume novas proporções.

Por várias razões – a começar pelas precárias condições de saneamento básico –, esses brasileiros estão mais expostos à pandemia. Onde faltam água tratada e coleta de esgoto, até mesmo a medida mais básica de prevenção ao coronavírus – lavar as mãos com água e sabão – não está ao alcance de todos.

Para tentar minimizar a delicada condição dessas comunidades, entidades como o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), a Central Única das Favelas (Cufa) e o

G10 das Favelas – apoiadas por empresários mais conscientes – lançaram iniciativas de proteção aos moradores. Além de organizar fundos financeiros, coletam e doam alimentos, produtos de limpeza, itens de higiene pessoal e de proteção, com destaque para álcool em gel, máscaras e luvas.

Em São Paulo, a Rede Apoio Humanitário nas e das Periferias cadastra, pela internet, doadores e voluntários nas 32 subprefeituras paulistanas. Frente Favela Brasil, Periferia é o Centro, Rede Geração Solidária, Funani e Nova Frente Negra Brasileira estão à frente do projeto. Na página de cadastro de apoiadores, essas entidades sintetizam o objetivo: “Ampliar as frentes de atuação que visam amparar, nesse momento de crise, famílias faveladas e periféricas que não encontram suporte institucional para seguirem com dignidade diante desse momento avassalador”.

Outro desafio é dar orientações sobre os cuidados individuais, com os familiares e a casa. Nesse ponto, as favelas têm se destacado pela criatividade. As informações são levadas às comunidades por meio de cartazes mais descontraídos, carros de som com músicas adaptadas e adesão local de voluntários. Sem o envolvimento direto da comunidade, é inviável chegar até os pontos de maior dificuldade de acesso, principalmente no alto dos morros.

O Coletivo Papo Reto, integrante da frente Juntos pelo Complexo do Alemão, no Rio, é um exemplo de união e originalidade para reagir ao coronavírus. Com 55 mil seguidores no Facebook, o grupo faz constantes publicações informativas em suas redes – sempre com a hashtag #Covid19nasFavelas. “Evitem apertos de mão. A amizade continua”, diz uma das postagens. Outro post, mais ousado, volta-se aos usuários de maconha: “Galera da ‘fumaça’... Nada de rolar o baseado”.

Mas a atuação do Papo Reto não se limita às redes. O coletivo ajuda a espalhar cartazes e faixas no Complexo do Alemão, a fim de popularizar as medidas preventivas. Para o público jovem, o Papo Reto criou até um funk: “Tá ligado no coronavírus? / Deixa eu te passar a visão / Essa doença triste que afetou nosso mundão / Vamos ter consciência e fazer toda a prevenção para nossa comunidade / Lave as mãos frequentemente, com água e sabão / Evite sair de casa para não ter aglomeração”.

No caso do MTST, os informes não se resumem aos cuidados individuais. Com tantos integrantes do movimento residindo em locais com cômodos pequenos e mal arejados, as orientações sobre a casa recebem atenção especial. Eles são instruídos a tomarem medidas como “não compartilhar objetos de uso pessoal” e “limpar regularmente o ambiente e mantê-lo ventilado (janelas abertas)”. Sobre a limpeza rotineira da casa, recomenda-se o uso “produtos usuais”, a exemplo da água sanitária.

A higiene durante as longas locomoções por transporte público (ônibus, trem e metrô) é outro alerta do MTST: “Depois de apoiar nas barras, é preciso higienizar muito bem as

mãos. Não sendo possível lavar com água e sabão, o álcool gel deve ser utilizado”. Se o gel higienizador de mão estiver em falta, não há problema: “Sim, água e sabão é o básico e deve ser seguido. Pode-se usar sabonete, sabão em barra e sabonete líquido”, esclarece o movimento dos sem-teto.

A Cufa lembra que muitos dos moradores das favelas permanecem nas ruas e – não na quarentena –, porque são trabalhadores de serviços essenciais (limpeza urbana, coleta de lixo, caixas de supermercados, frentistas de postos de gasolina, entre outras funções). São brasileiros em alta vulnerabilidade não só pelas carências de suas comunidades – mas também pelo sofrimento diário em transportes públicos precários, demorados e lotados. Para piorar, ao prestarem serviços à sociedade, esses trabalhadores igualmente se submetem a um risco maior de contaminação por coronavírus.

O Covid-19 pôs em quarentena cidades pequenas, médias e grandes pelo mundo afora. Mas os moradores das favelas continuam a sofrer com a ausência do Estado – e também com o sacrifício de, em nome da sobrevivência, estarem na ponta da prestação de serviços essenciais.

Data: **29/03/2020**

Título: **Movimentos criam ações para ajudar quem não pode trabalhar por causa do coronavírus**

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/>

Link: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/29/movimentos-criam-acoes-para-ajudar-quem-nao-pode-trabalhar-por-causa-do-coronavirus>

Enquanto as ações do governo não chegam aos trabalhadores informais, movimentos ligados à categoria organizam as chamadas “vaquinhas” para ajudá-los a atravessar a pandemia do coronavírus no Brasil. Sem direitos trabalhistas, eles estão entre os mais expostos em meio à crise de saúde pública.

As campanhas de solidariedade buscam financiar itens básicos, como comida e remédio, para populações em situação de vulnerabilidade. Estão nesse grupo, por exemplo, catadores de recicláveis, pessoas sem-teto, vendedores ambulantes e camelôs, que viram sua renda despencar em função do isolamento social recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para combater a transmissão da covid-19.

Uma das iniciativas é encampada pela União Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras Camelôs, Feirantes e Ambulantes do Brasil (Unicab). Articulada com representações em dez estados, o movimento busca criar um fundo de emergência para quem precisa.

Maíra Vanucci, representante da Unicab, explica que a ideia é distribuir o que for arrecadado para as bases e, ao mesmo tempo, cobrar o poder público sobre ações como

renda básica para o comércio informal, isenção nas contas de luz e água, proibição de despejos e distribuição de cestas básicas.

“Eles já estão sem dinheiro, sem comida. Tem muita gente mandando mensagem, pedindo acompanhamento, porque o marido morreu, por exemplo. A pessoa não tem nem como ir para rua, trabalhar para recuperar o dinheiro dos dias que ficou fora”, relata.

Segundo Vanucci, mesmo em situação de vulnerabilidade, os trabalhadores têm se unido para ajudar uns aos outros. “É incrível, porque eles são os que menos têm recursos, mas já estão com esquemas para conseguir arrecadar cesta básica e dividir entre várias pessoas. Já chegaram fotos de gente que vai na padaria, pega uma parte do pão e distribui para as pessoas”, diz.

“O recado é esse: se organizar, formar essas redes de solidariedade, para que ninguém passe por essa situação de extrema escassez e vulnerabilidade”, pontua.

Data: **30/03/2020**

Título: **Em carta a juízes panamericanos, Papa saúda governos que priorizam as pessoas**

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/>

Link: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/30/em-carta-a-juizes-panamericanos-papa-saуда-governos-que-priorizam-as-pessoas>

Neste sábado (28), o Papa Francisco enviou uma carta ao presidente do Comitê Panamericano de Juízas e Juízes pelos Direitos Sociais, Roberto Andrés Gallardo.

O Papa destacou suas preocupações sobre o presente e o futuro com o avanço da pandemia do covid-19. Saudou o trabalho dos profissionais da Saúde e as medidas exemplares de alguns governos que colocam como prioridade a vida da população. Também alerta para o risco de um genocídio e para a verdadeira peste do futuro social, representada por usuários especuladores.

Confira a íntegra da carta enviada pelo Papa Francisco:

Dr. Roberto Andrés Gallardo

Querido irmão:

Obrigado por tua mensagem. A todos nos preocupa o crescimento, em progressão geométrica, da pandemia. Estou edificado pela reação de tantas pessoas, médicos, enfermeiras, enfermeiros, voluntários, religiosos, sacerdotes, que arriscam sua vida para tratar e defender as pessoas do contágio. Alguns governos tomaram medidas exemplares com prioridades bem assinaladas para defender a população.

É verdade que estas medidas incomodam alguns que são obrigados a cumpri-las, mas sempre é para o bem comum e a maioria das pessoas as aceita e se move com uma atitude

positiva. Os governos que enfrentam assim a crise mostram a prioridade de suas decisões: primeiro as pessoas. E isso é importante porque todos sabemos que, para alguns, defender as pessoas supõe um descalabro econômico. Seria triste que se optasse pelo contrário, o que levaria à morte muitíssima gente, algo assim como um genocídio viral.

Na sexta-feira, tivemos uma reunião com o Dicastério do desenvolvimento humano integral, para refletir sobre o agora e sobre o depois. Preparar-nos para o depois é importante. Já se notam algumas consequências que devem ser enfrentadas: fome, sobretudo para as pessoas sem trabalho fixo, violência, a aparição dos usurários especuladores (que são a verdadeira peste do futuro social, delinquentes desumanizados), etc.

Sobre o futuro econômico é interessante a visão da economista Mariana Mazzucato, professora na University College London (“Il valore ditutto: chi lo produce e chi lo sottrae nell economia globale”, La Haya, 2018). Creio que ajuda a pensar o futuro. Carinhos para tua mãe e, por favor, não se esqueçam de rezar por mim; o faço por vocês. Que o Senhor te abençoe e a Virgem Maria cuide de ti.

Fraternalmente,

Francisco

Data: **30/03/2020**

Título: **Falta de testes e superlotação dificultam prevenção à covid-19 nas prisões**

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/>

Link: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/30/falta-de-testes-e-superlotacao-dificultam-prevencao-a-covid-19-nas-prisoas>

Até a manhã desta segunda-feira (30) as secretarias estaduais de Saúde divulgaram que o Brasil registrou 4.321 casos confirmados do novo coronavírus e 140 mortes. Segundo dados do Ministério da Saúde divulgados neste domingo (29), foram 4.256 casos e 136 mortes.

Com a disseminação do vírus pelo mundo, os estados brasileiros, em conjunto, se viram com a responsabilidade de realizar ações de prevenção com o máximo de antecedência possível, tomando como exemplos algumas iniciativas realizadas em outros países.

O Ministério da Justiça e Segurança Pública, por meio do Departamento Penitenciário Nacional, divulgou na terça-feira (24), a Portaria nº 5, de 16 de março de 2020, publicada no Diário Oficial da União, onde suspende as visitas, os atendimentos de advogados, as atividades educacionais, de trabalho, as assistências religiosas e as escoltas realizadas nas Penitenciárias Federais do Sistema Penitenciário Federal do Departamento Penitenciário Nacional como forma de prevenção, controle e contenção de riscos do novo coronavírus.

Para Luiz Fábio Paiva, professor da Universidade Federal do Ceará e pesquisador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV), apenas proibir visitas não é uma medida que vai solucionar o problema, pois, como a testagem no Brasil é precária, não é possível determinar se já existem contaminações.

“É preciso testar essa população e garantir as medidas de isolamento social, buscando alternativas para situações de prisões superlotadas, sobretudo em função de medidas irresponsáveis de enfrentamento a crimes de menor potencial ofensivo nas periferias urbanas e que atingem, sobretudo, as populações negras desse país”, considera.

De acordo com Luiz Fábio Paiva, os sistemas penitenciários e socioeducativo brasileiros são dotados de inúmeras insuficiências, entre elas a capacidade de oferecer condições de salubridade e saúde adequada para quem está encarcerado. Por esse motivo, ele considera fundamental que os gestores tenham responsabilidade e admitam essas incapacidades, criando maneiras diferentes de tratamento e acomodação das populações carcerária e socioeducativa.

“Uma contaminação dentro das prisões significa uma condenação à morte para determinadas pessoas. Atualmente, pessoas privadas de liberdade já sofrem problemas de imunidade devido às péssimas condições sanitárias, de atenção médica e acesso a medicamentos. Presos diabéticos, por exemplo, regularmente denunciam as dificuldades no acesso à medicação adequada e os casos de morte desse público têm percentuais elevados em função da contaminação pela covid-19”, afirma Luiz Fábio.

Em nota, a Secretaria da Administração Penitenciária (SAP) afirma que até o momento, não há nenhum interno suspeito ou confirmado com coronavírus no sistema prisional cearense e informa que está tomando medidas para evitar aglomerações e um risco maior de contágio, como por exemplo a criação da Comissão Permanente de Combate ao coronavírus no sistema penitenciário. A Comissão conta a parceria entre a SAP e o Sindicato dos Agentes Penitenciários do Estado do Ceará.

A suspensão das visitas, dos malotes e dos atendimentos presenciais dos prédios administrativos, segundo a nota, visa diminuir as aglomerações de pessoas externas e a proteção de servidores e internos dos riscos oferecidos pelo coronavírus.

A suspensão das visitas, dos malotes e dos atendimentos presenciais dos prédios administrativos, segundo a nota, visa diminuir as aglomerações de pessoas externas e a proteção de servidores e internos dos riscos oferecidos pelo coronavírus.

A SAP deixa claro que segue todos os protocolos preventivos e de higiene orientados pelas autoridades médicas e governamentais nas unidades prisionais do Estado, entre outras ações preventivas contra o coronavírus.

Data: **31/03/2020**

Título: **Ato virtual homenageia vítimas da ditadura**

Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>

Link: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-03/ato-virtual-homenageia-vitimas-da-ditadura>

O Instituto Vladimir Herzog movimenta hoje (31) as redes sociais com a Vigília pela Democracia, para homenagear vítimas do período do regime militar no Brasil, que se iniciava há 56 anos, com a derrubada do então presidente João Goulart. A mobilização é organizada em parceria com o Movimento Vozes do Silêncio.

O ato tem início às 14h, com um tuitaço. As atividades programadas seguem até amanhã (1º).

Tradicionalmente, marca-se a data com a realização das Caminhadas do Silêncio e do Ato Unificado Ditadura Nunca Mais, em diversas capitais do país. Em decorrência da pandemia de covid-19, as marchas pelas ruas tiveram de ser substituídas, este ano.

Os organizadores marcaram outro tuitaço para as 21h. A organização disponibilizou do evento disponibilizou uma imagem, que pode ser baixada em download e utilizada por aqueles que quiserem aderir à causa.

Antes, no horário das 18h às 20h, também será transmitido, ao vivo, um web-seminário, na página oficial do Vozes do Silêncio e pelo perfil no Facebook, com mediação do jornalista Luis Nassif e da procuradora Eugênia Gonzaga.

Além das postagens no Twitter, as organizações prepararam a veiculação de *podcasts* e vídeos com depoimentos de pessoas que vivenciaram o período, que durou até 1985. Também serão exibidas entrevistas com especialistas que estudam o tema.

Em nota, o instituto afirma que o protesto é feito em memória de todas as vítimas do Estado. "Torturas, execuções sumárias, desaparecimentos forçados e tratamentos cruéis são uma face da moeda, mas não podemos esquecer das vítimas decorrentes da misoginia, da xenofobia, da perseguição contra a liberdade de expressão, da intolerância política oriunda de atos estatais; enfim, das diversas expressões do autoritarismo", acrescenta.

Relatório finalda Comissão Nacional da Verdade, apresentado em 2014, dimensionou o impacto das ações do Estado na vida dos brasileiros com uma estimativa de que as violações de direitos constatadas entre os anos de 1964 a 1985 atingiram 50 mil pessoas. Para o levantamento, foram considerados presos, exilados, torturados e familiares que perderam algum parente nas ações promovidas pelo regime.

Em outubro de 1975, o jornalista Vladimir Herzog foi encontrado morto nas instalações do Destacamento de Operações de Informação (DOI/Codi) após ser preso por militares ao se apresentar espontaneamente. No dia anterior, ele havia sido procurado na sede da TV Cultura para prestar esclarecimentos. No entanto, a empresa pediu que o profissional não

fosse levado naquele dia porque precisavam manter a programação. Na época, o órgão afirmou que o jornalista cometeu suicídio, versão contestada por sua família, que apontou sinais de tortura no corpo dele.

Data: **31/03/2020**

Título: **RJ: com isolamento, Caminhada pela Vida não sai pela 1ª vez em 15 anos**

Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>

Link: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-03/rj-com-isolamento-pela-1a-vez-em-15-anos-caminhada-da-vida-nao-sai>

Pela primeira vez desde 2005, a Caminhada pela Vida não vai ser realizada. A pandemia do novo coronavírus impediu que a manifestação se repita por trechos da Rodovia Presidente Dutra, em Queimados e Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Durante todos esses anos, mães e outras pessoas das famílias de vítimas da violência de Estado fazem a Caminhada Pela Vida para marcar a Chacina da Baixada.

No dia 31 de março de 2005, 29 pessoas foram mortas por policiais, que descontentes com mudanças feitas pelo comando da Polícia Militar, saíram de um bar da região, entraram em um carro e fizeram disparos pelas ruas por onde passaram nos dois municípios.

“As pessoas foram assassinadas a esmo. Foi uma crueldade. Um banho de sangue.”, apontou o jornalista e assessor do Fórum Grita Baixada, Fábio León, em entrevista à Agência Brasil.

León ressaltou que com as medidas de isolamento social adotadas no país baseadas em orientações da Organização Mundial de Saúde para combate à disseminação do novo coronavírus, não havia condição de fazer a Caminhada pela Vida, ato incluído no calendário oficial de Nova Iguaçu, após a promulgação da lei de criação da Semana de Luta de Mães e Familiares Vítimas da Violência.

No lugar da caminhada, o Fórum Grita Baixada organizou uma série de iniciativas para não deixar a data no esquecimento. Desde terça-feira passada (24), o Fórum está fazendo a campanha 15 anos da Chacina da Baixada, com a publicação de cards nos seus perfis nas redes sociais e no seu site. A intenção é que as mensagens sejam divulgadas em outras redes sociais.

O jornalista chamou atenção para a necessidade de tornar essas questões mais visíveis, como também, o papel que as comunidades e periferias vêm desempenhando neste momento de combate ao novo coronavírus, especialmente, em localidades onde o abastecimento de água não é regular, que é mais um problema da região. “As comunidades estão criando iniciativas próprias para doações e coleta de materiais de higiene pessoal, porque também não têm dinheiro para comprar álcool em gel.

Data: **31/03/2020**

Título: **#DitaduraNuncaMais: defendido por governo federal, vozes se erguem contra golpe de 1964**

Fonte: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/>

Link: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/cultura/63864/ditaduranuncamais-defendido-por-governo-federal-vozes-se-erguem-contra-golpe-de-1964>

Uma série de atividades em redes sociais marcará, nesta terça-feira (31), o repúdio ao golpe de 1964 e seus defensores, além do apoio ao Estado democrático de direito. A partir das 14h, por exemplo, haverá um “twittaço” com hashtags como #ditaduranuncamais e #luto na janela. A lembrança mostra ser continuamente necessária, porque o atual governo do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) segue ecoando o movimento de 31 de março/1º de abril.

O Ministério da Defesa, por exemplo, afirmou, nesta segunda-feira (30), que 1964 foi “um marco na democracia”, ainda que o regime instaurado naquele ano tenha significado cassações de opositores políticos, exílio, prisões, tortura, censura e desaparecimentos forçados, muitos não esclarecidos até hoje. A ordem do dia é assinada pelos ministros da Defesa e das Forças Armadas – que nunca reconheceram sua responsabilidade institucional pelo golpe, contrariando uma das recomendações da Comissão Nacional da Verdade, em seu relatório final.

Assim como ocorreu no ano passado, uma caminhada, denominada Vozes do Silêncio, seria realizada em memória das vítimas e contra a violência do Estado, durante a ditadura e também na democracia. Com a pandemia, foi substituída por uma vigília nas redes. Em 2019, aproximadamente 10 mil pessoas participaram de ato no parque do Ibirapuera, em São Paulo.

A manifestação de certa forma foi “estimulada” pelo presidente Jair Bolsonaro, que se declarou a favor de celebrações pelo golpe. Com isso, ele desrespeitou outra recomendação da Comissão da Verdade, pela proibição de atos a favor de 1964, algo “incompatível” com o Estado de direito.

Das 18h às 20h, haverá um “web-seminário”, com transmissão pelas páginas do movimento Vozes do Silêncio e da TV GGN, entre outras, com moderação do jornalista Luis Nassif e da procuradora da República Eugênia Gonzaga, ex-presidenta da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, destituída no ano passado por Bolsonaro. Depois, das 20h30 às 21h, está programado um “barulhaço” nas janelas, seguido de novo “twittaço” contra a ditadura.

A programação segue com entrevistas e show, das 21h30 às 22h. A partir desse horário, será exibido o filme *O Dia que Durou 21 anos*, dirigido por Camilo Tavares, que mostra a participação norte-americana nas origens do golpe.

Data: **31/03/2020**

Título: **Liderança Guajajara é assassinada em emboscada no Maranhão**

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/>

Link: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/31/lideranca-guajajara-e-assassinada-no-maranhao>

O militante indígena Zezico Rodrigues, do povo Guajajara, foi morto nesta terça-feira (31), no município de Arame, no Maranhão. O homem foi assassinado com tiro de espingarda na estrada da Matinha, próximo à aldeia Zutiwa, mas ainda não há pistas sobre quem cometeu o crime.

Diretor do Centro de Educação Indígena Azuru, Zezico é o quinto indígena assassinado no Maranhão em pouco mais de quatro meses. Somente a terra indígena Arariboia, à qual pertencia Zezico, já contabilizava o assassinato do líder Paulino Guajajara, morto por conflitos de terra em novembro de 2019.

Desde o início da gestão de Jair Bolsonaro (sem partido), os ataques aos povos indígenas foram intensificados no Brasil.

Segundo o coordenador do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) no Maranhão, Girdelan Rodrigues da Silva, Zezico foi uma liderança que sempre defendeu o seu povo e a natureza.

"É uma liderança que sempre lutou pela defesa do território contra as queimadas, uma liderança muito aguerrida pela proteção do seu território. O povo Guajajara pede que esse crime não fique impune e os órgãos responsáveis possam fazer a investigação e punir aqueles que ceifaram a vida de Zezico Guajajara em uma emboscada".

O coordenador do Cimi ressalta que é preciso não só que as autoridades tomem uma providência em relação às mortes dos indígenas no Maranhão, mas que a sociedade civil se posicione junto aos indígenas.

"É importante que haja a proteção para que as lideranças tenham as suas vidas preservadas, seus territórios preservados. Caso contrário, nós continuaremos vendo vidas serem ceifadas e os responsáveis impunes. É importante que a sociedade brasileira cobre a proteção também dos territórios, assim como os indígenas têm colocado seus corpos à frente da proteção desses territórios", afirma.

A Secretaria de Direitos Humanos e Participação Popular do Maranhão (Sedihpop) já acionou, por meio da Secretaria de Estado de Segurança Pública (SSP), a Força Tarefa de Proteção à Vida Indígena (FT-Vida).